

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 34

Data: 26.11.76

Pg.: _____

Os suruíis tomam

ESP. 26-11-76

armas e

ameaçam atacar

Da Sucursal, do Correspondente
e do Enviado Especial

Depois de haverem tomado o posto 7 de Setembro, da Funai, cujos funcionários fugiram, os índios suruíis, do parque Aripuanã, em Rondônia, de posse de 400 quilos de munição de grosso calibre, ameaçam atacar os colonos instalados nas proximidades da aldeia. O próprio presidente da Funai, general Ismarth de Araújo Oliveira, viajou para Porto Velho, com a intenção de apaziguar os ânimos.

Segundo alguns sertanistas, as mensagens enigmáticas que os índios estão transmitindo pelo rádio do posto indicam a iminência do ataque aos lavradores, que também se armaram e estão dispostos a resolver pela força a antiga pendência sobre a posse da terra. Os índios mostram-se decepcionados com a Funai, que ainda não cumpriu o compromisso, assumido pelo próprio ministro Rangel Reis, do Interior, quando esteve na aldeia, em setembro, de demarcar a

área do posto, o que eliminaria os conflitos.

O general Ismarth chegou a Porto Velho por volta das 12 horas, ontem, e em seguida manteve uma reunião de quatro horas, a portas fechadas, no Palácio "Presidente Vargas", com o governador do Território, o coronel Humberto da Silva Guedes, o comandante da Polícia Militar de Rondônia, tenente-coronel Ivo Célio da Silva, o delegado da Funai, Délcio Vieira, e o coordenador dos projetos fundiários do Incra.

A certa altura, a reunião foi interrompida para que os participantes comparecessem às cerimônias do Dia Nacional de Ação de Graças. Na saída, o presidente da Funai evitou fazer declarações à imprensa, limitando-se a dizer que ficará em Rondônia "o tempo suficiente para solucionar de vez este problema". Hoje à tarde ou amanhã de manhã, uma comitiva incluindo o general e o governador irá para Cacoal, a vila mais próxima da aldeia suruí. Anteontem Ismarth conseguiu que Apoena Melrelles reconsiderasse a decisão de abandonar a Funai.

→
VERSO

Colonos preparam defesa

O posto de atração Sete de Setembro, da Funai, no Parque Aripuanã, continuou ontem sob controle de um grupo de cerca de 50 índios **suruí**, armados com quase 400 quilos de munição de grosso calibre. Os sertanistas da Funai não entenderam as intenções dos índios ao emitirem mensagens, por meio da fonia do posto, informando que "índio vai abandonar posto, vai para a mata e deixa tudo aqui quebrado". Para um sertanista, essa advertência "é grave, porque se forem para as matas e, revoltados como estão, eles fatalmente farão novas emboscadas para atacar os colonos". Estes, por sua vez, em número de 80, estão também armados e reunidos ao longo da linha 11 do projeto integrado de colonização do INCRA "Gy-Paraná", dispostos a enfrentar os índios e retribuir-lhes qualquer hostilidade.

Em outra mensagem, também captada pelas fonias da delegacia de Porto Velho e do posto de atração de Guajará Mirim, os **suruí** pediram facões e cobertores e acrescentaram: "Mas índio quer tudo já. Índio vai embora, não gosta mais da Funai. **Suruí** está cansado de promessas Funai. Funai não quer mais saber de **Suruí**." Uma terceira mensagem, ouvida na base avançada de Riozinho, em Cacoal, afirmou: "Zé Bel não vem. Zé Bel deixou índio abandonado. Índio não gosta de Zé Bel", referindo-se ao sertanista José Bell, que anteontem à noite desativou o posto Sete de Setembro, quando os índios o assaltaram de armas em punho e o obrigaram a fugir com todos os funcionários para Cacoal.

CONFLITO

A demora com que as autoridades policiais, o governo de Rondônia e a Funai estão discutindo as providências para resolver a questão entre os **suruí** e os colonos parceiros do INCRA poderá levar, nas próximas horas, a um conflito de graves proporções, envolvendo os dois grupos numa luta sangrenta, cujas consequências são imprevisíveis.

Enquanto o comandante do destacamento da Polícia Militar em Cacoal, tenente Paraguaçu, tentava, durante todo o dia de ontem, convencer os colonos a voltarem às suas terras, abandonando a disposição de invadirem o posto Sete de Setembro, a Funai prometia — mas não cumpria a promessa — mais uma vez, segundo os índios — de que o seu presidente, general Ismarth Araújo, estaria ontem à tarde no local para dialogar com os **suruí** e tentar convencê-los a não atacarem os colonos.

Diante das ameaças dos índios, nenhum funcionário da Funai manifestou disposição de voltar ao posto Sete de Setembro, nem mesmo em companhia do general Ismarth. "Não sei o que os índios estão preparando pa-

ra a gente", dizia um funcionário do Riozinho. Por outro lado, como o presidente da Funai não cumpriu a promessa, feita aos próprios **suruí**, de ir ao local, isso está sendo interpretado em Cacoal como mais "um erro imperdoável" do órgão em relação aos índios, que já estão "saturados" de promessas não cumpridas.

REVOLTA

Os **suruí** estão revoltados não só com a situação criada depois da morte do índio Oréia e da invasão de suas terras, mas também e, principalmente, com o fato de a Funai ter desativado o posto Sete de Setembro, onde eles se encontram. E, como ninguém conseguiu ainda interpretar as suas intenções, a maioria dos colonos só espera "o ataque deles, que agora será muito mais decidido, porque estão muito mais armados e municiados".

Inicialmente, os colonos estavam dispostos a invadir o posto Sete de Setembro "para conversar pacificamente com os índios". "Se eles não nos receberem bem — disse um deles ao tenente Paraguaçu — nós atiraremos". Para isso, os cerca de 80 colonos armaram-se com espingardas de grosso calibre e bastante munição, "que daria para matar 500 índios (existem na região pouco mais de 180 **suruí**), mas assim resolveríamos a questão em definitivo; decidindo a nossa própria sorte, porque ninguém entendeu ainda a gravidade da situação em que vivemos", como explicou outro colono.

Entretanto, o tenente Paraguaçu conseguiu convencê-los a não realizarem o ataque. "A conversa com os colonos foi longa — declarou ele quando voltou a Cacoal — e eles não estavam aceitando as nossas razões. Estavam dispostos mesmo a atacar os índios porque, como me explicaram, ninguém cuidou de seus interesses, dos prejuízos financeiros que estão tendo e das mortes praticadas pelos índios". Nervoso e criticando o fato de não dispor de pessoal suficiente para o policiamento ostensivo da área, acrescentou: "Os colonos só aceitaram os nossos argumentos porque fomos para lá decididos a tomar medidas drásticas, caso insistissem em invadir o posto".

Depois de muitas horas de diálogo com os colonos, Paraguaçu prometeu a eles que voltaria a Cacoal e entraria em contato com o governador do Território, coronel Humberto Guedes, pa-

ra saber quais as providências tomadas pelo governo e pela Funai durante a reunião realizada em Porto Velho ontem à tarde. Entretanto, em Cacoal o tenente soube — e isso o contrariou mais ainda — que o governador e o presidente da Funai só chegarão hoje à cidade, de onde, possivelmente, irão até a linha 11 e ao posto Sete de Setembro, para conversar com as duas partes em conflito.

Enquanto as providências oficiais não são tomadas, a tensão aumenta na região, principalmente entre as famílias de agricultores residentes em Cacoal. Os boatos e as informações distorcidas levaram os habitantes da localidade a temer pela sorte dos que se encontram nas proximidades da área indígena, enquanto alguns prometiam ajuda aos colonos estacionados na linha 11.

O índio Anini, que depois da morte de Oréia tornou-se um dos mais influentes chefes dos **suruí** e que sabe falar bem o português, está comandando o grupo que ocupou o posto Sete de Setembro e não aceita qualquer diálogo com a Funai (em outras ocasiões, ele chegou a agredir alguns funcionários do posto). Durante todo o dia de ontem, Anini usou, com certa facilidade, a fonia do posto para fazer reclamações contra o órgão e reclamar providências, dizendo por exemplo:

"Funai resolva logo nosso problema. Índio não espera mais. Vai embora. Depois Funai vai procurar e não encontrar mais". Essas mensagens, ouvidas na base de Riozinho, criou um clima de medo entre os funcionários do órgão. Eles temem que os **suruí** saiam do posto, façam uma emboscada contra os colonos na linha 11 e depois ataquem a própria base de Riozinho, o que Anini já ameaçou fazer em outra oportunidade e só não realizou porque Oréia o impediu. "Hoje (ontem), ninguém vai dormir aqui. Todos nós teremos que ficar de prontidão. Esses índios estão revoltados agora é com a Funai" — dizia um cinta larga aculturado.